

A Cápsula do Tempo do Museu Nacional/UFRJ: uma iniciativa para a preservação da memória acadêmica, cultural e científica

The Time Capsule of the National Museum/UFRJ: an initiative for the preservation of academic, cultural, and scientific memory

Enviado em: 28-03-2023

Aceito em: 08-06-2023

Maria Gabriela Evangelista Soares da Silva¹

Mariáh dos Santos Martins²

Regina Maria Macedo Costa Dantas³

Alexander Wilhelm Armin Kellner⁴

Resumo

Este artigo tem como objetivo problematizar a iniciativa de uma instituição museológica bicentenária – o Museu Nacional, em relação à idealização e confecção de sua Primeira Cápsula do Tempo. O Museu Nacional sofreu um incêndio de fortes proporções em 02 de setembro de 2018. Posteriormente, foi dado início a um processo de ações para a reconstrução de sua edificação, a recomposição de seu acervo e a reestruturação acadêmico-científica. Motivados pelo momento das comemorações do Bicentenário da Independência do Brasil, elaborou-se uma Cápsula do Tempo que merece ser registrada (com apresentação de seu processo de constituição e seu conteúdo). A Cápsula representa a preocupação com a preservação das principais ações realizadas pela instituição, assim como os sentimentos e expectativas das instituições parceiras e dos incentivadores, trazendo suas reflexões para o futuro, com base na experiência do passado. As ações objetivaram salvaguardar a memória acadêmica, cultural e científica do Museu Nacional/UFRJ.

Palavras-chave: Museu Nacional/UFRJ; Cápsula do Tempo; Memória.

1 Coordenadora do Núcleo de Comunicação e Eventos do Museu Nacional/UFRJ, Doutoranda em Memória Social/UNIRIO, Mestra em História das Ciências/UFRJ. E-mail: gabriela@mn.ufrj.br

2 Chefe de Gabinete da Direção do Museu Nacional/UFRJ, Doutora em História das Ciências/UFRJ. E-mail: mariah@mn.ufrj.br

3 Historiadora aposentada do Museu Nacional, Doutora em História das Ciências/UFRJ. E-mail: regina@mn.ufrj.br

4 Diretor do Museu Nacional/UFRJ, Doutor em Geociências - Paleontologia/Columbia University. E-mail: kellner@mn.ufrj.br

Abstract

This article aims to present the initiative of a bicentennial museological institution - the Museu Nacional, regarding to the idealization and production of its First Time Capsule. The Museu Nacional suffered a massive fire on September 2nd, 2018. Inspired by the commemorations of the Bicentennial of the Independence of Brazil, a Time Capsule was elaborated, and this process is documented here (including with the list of its content). The Capsule represents the concern with the preservation of the main actions carried out by the institution regarding its reconstruction, as well as the concerns and expectations of the partners and supporters. It also involves the contribution of other institutions that were invited to participate, bringing their reflection to the future based on the experience of the past. The actions aimed to safeguard the academic, cultural and scientific memory of the National Museum/UFRJ

Keywords: Museu Nacional/UFRJ; Time Capsule; Memory;

Introdução

Motivada pelas diferentes atividades comemorativas do Bicentenário da Independência do Brasil, a Direção do Museu Nacional/UFRJ idealizou a elaboração de uma Cápsula do Tempo visando salvaguardar a memória acadêmica, cultural e científica da instituição. Em tempos de trabalhos para a reconstrução do Museu Nacional, instituição que foi atingida por forte incêndio em 02 de setembro de 2018, completava 204 anos de existência em 2022 (MARTINS; DANTAS; APRÍGIO, 2022). Também foram convidadas outras instituições, como a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), a Academia Brasileira de Ciências (ABC), o Instituto Nacional de Tecnologia (INT), as embaixadas da Áustria e Alemanha, o Governo de Portugal e a Secretaria de Educação do Município do Rio de Janeiro.

As primeiras iniciativas práticas para a idealização da Cápsula datam de 2021, para que ao longo de 2022 fosse confeccionada e, finalmente, depositada na frente do Paço de São Cristóvão. A proposta original previa que esta ação ocorreria na semana da comemoração do Bicentenário da Independência, mas pendências com a Prefeitura do Rio de Janeiro fizeram

com que o evento ocorresse ao final do ano. Portanto, todo o processo de construção e encapsulamento da memória deve ser problematizado para proporcionar reflexões tanto no âmbito da instituição quanto nos demais espaços de memória.

Com vistas ao nosso estudo, após breve apresentação sobre a história do Museu Nacional, será possível identificar, na ocasião das articulações entre memória e preservação, as preocupações e desafios encontrados pela instituição em seu momento de reconstrução. Dessa forma, o nosso leitor conseguirá transitar com êxito pelo detalhado processo de realização do encapsulamento esperado, pois tanto as atividades de reconstrução do Museu Nacional quanto as da Cápsula do Tempo estão interligadas pelo mesmo objetivo - a preservação. Secundariamente, esse tipo de ação leva a uma reflexão do que ocorreu no passado para um melhor entendimento do presente, e leva a aspirações de uma projeção para o futuro.

Para o propósito deste trabalho, vale mencionar a riqueza dos detalhes dos itens escolhidos para comporem a Cápsula, os quais serão apresentados como uma amostragem dos materiais que mais representam a preocupação da Direção e demais participantes do ato de cumprirem o objetivo de mostrar às gerações futuras anseios e expectativas do Museu Nacional, e de seus parceiros, nesse presente que se configurará como passado. Esta ação também inclui o registro físico e acadêmico da intensa e penosa ação de resgate do material que se encontrava sob os escombros (RODRIGUES-CARVALHO, 2021). Para uma melhor análise e para efeitos de registro histórico de todo o processo, o presente artigo conta com um Apêndice caracterizado pelo detalhamento do total dos itens colocados na Cápsula do Museu Nacional/UFRJ.

Museu Nacional/UFRJ

O Museu Nacional é uma das unidades acadêmicas que compõe a Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ. Criado por D. João VI em 1818, no Campo da Aclimação (atual Campo de Santana - região do Centro do Rio

de Janeiro), tornou-se uma referência para os demais museus brasileiros, sendo o primeiro, antes mesmo das discussões sobre normas museológicas e museográficas no país. Nesse momento é criado com o nome Museu Real, abarcando, conforme o decreto de criação, “os conhecimentos e estudos das ciências naturais do Reino do Brasil” (BRASIL, 1818).

A história do Museu Nacional vem sendo analisada por pesquisadores que apresentam a relevância da instituição ao longo do século XIX no Brasil (LOPES, 1997; DANTAS, 2007; GUALTIERI, 2008; KEULLER, 2008). As pesquisas que abordam o Museu vêm contribuindo com estudos sobre a institucionalização das ciências naturais no Brasil (DANTAS, 2012), com análises sobre a história das instituições científicas brasileiras (DANTES, 2001a; 2001b) e trazendo as discussões conceituais sobre Preservação e Patrimônio (MARTINS, 2020).

A instituição, no período oitocentista, foi um museu metropolitano, universal e de caráter nacional. Assim, desempenhou a função de difundir as práticas científicas como o primeiro museu de Ciências Naturais do país, “pois diferente do que ocorreu na Europa, o conhecimento científico desenvolvido no Brasil do século XIX não veio das Universidades” (LOPES, 2010, p. 59-63).

Desde de 1946, já com 128 anos de existência, e nomeado como Museu Nacional, a instituição é incorporada à Universidade do Brasil, atual UFRJ. A partir desse momento, a história do Museu Nacional passa a transitar também pela história da universidade brasileira.

Entretanto, não podemos ignorar a história da edificação histórica do Museu Nacional, o Paço de São Cristóvão. O prédio localizado na Quinta da Boa Vista foi residência de D. João VI (a partir de 1810), D. Pedro I e D. Pedro II. O Museu Nacional (criado em 06 de junho de 1818, com sua primeira sede no Campo de Santana), foi transferido para o Paço em 1892, após o banimento da família imperial e a conclusão dos trabalhos da primeira Assembleia Nacional Constituinte Republicana. Desde então, o Paço abriga a instituição científica, portanto, suas histórias estão completamente entrelaçadas. Ressalta-se ainda que os imperadores, em especial, D. Pedro II, desenvolveram no local ambientes para estudos científicos e formação de

coleções, no que ficou sendo conhecido como o Museu do Imperador. Objetos e materiais, por caminhos distintos, tornam-se acervo do Museu Nacional (DANTAS, 2007).

Para o propósito deste trabalho, em seus quase duzentos e cinco anos de existência, a serem completados em junho de 2023, o Museu Nacional vem contribuindo com o desenvolvimento da história das ciências no país e como balizador na articulação de diferentes áreas do conhecimento, tais como: História do Brasil Colonial e Imperial; Arquitetura; Memória e Patrimônio; Ciências Naturais; Antropologia etc. Trata-se de uma instituição que deve ter sua memória preservada para registrar a relevância de seus patrimônios histórico, científico e cultural.

Essa mesma instituição, de ensino, pesquisa e extensão, impactou o cenário do patrimônio internacional, após sofrer um trágico incêndio em 2 de setembro de 2018. O Paço de São Cristóvão, anteriormente constituído de três andares, ficou apenas com as paredes externas e algumas paredes internas, sem a maior parte dos pisos entre os andares e os telhados, causando comoção nacional e internacional (KELLNER, 2019a). Na ocasião, foram perdidos cerca de 85% do seu acervo, entre itens de exposição e reserva técnica, além de toda a parte interna do prédio, drasticamente afetada.

Cabe ressaltar que, no atual momento da reconstrução da edificação - o Paço de São Cristóvão, e da recomposição de acervo para as Exposições⁵, não se perdeu de vista o compromisso em refletir sobre sua estrutura, criada para ser um museu cosmopolita de características eurocêntricas, para ser recriado em um espaço com comunicação direta com a sociedade em perspectiva decolonial.

Ações como essas demandam de um intenso esforço de reflexão inclusive sobre a história e a memória da instituição. Reconhecer quais espaços foram ocupados ou não, e quais falas obtiveram repercussão ou acabaram por ser silenciadas, é atitude indispensável ao momento de reconstrução. A ocasião é uma oportunidade de reconstruir o que foi atingido,

⁵Para mais informações: <https://recompoe.mn.ufrj.br>.

mas também para construir novos patrimônios, e junto a eles, novas histórias e memórias.

Memória e Preservação

Identifica-se, desde o início das formações sociais, a utilização de diferentes meios para garantir a preservação de suas memórias. Inicialmente esse processo se dava, com prioridade, através da transmissão oral das experiências, ensinamentos e cultura dos povos. Esta oralidade foi por muitos séculos o principal meio de comunicação e, nesse cenário, atores específicos, como os mais velhos, e pessoas em funções específicas, como as religiosas, tinham papel central e eram os contadores das histórias, sendo os portadores dessas memórias e com a incumbência de transmiti-las (ASSMANN, 2016, p. 115-127).

O surgimento da escrita provocou significativas transformações na prática da preservação. Se tornou possível que a memória tivesse sua permanência no tempo e no espaço prolongada por meio dos documentos escritos. Por outro lado, estabeleceu-se um processo de disputa aprofundado pelo que deveria ser preservado ou não, e a memória se concretizou enquanto um campo de disputa entre o que deve ser lembrado ou esquecido. A transformação entre comunidades prioritariamente oralizadas e grupos baseados na escrita é um dos paradigmas relativos ao vínculo entre o humano e a memória. O desenvolvimento da viabilidade de guarda marca profundamente as possibilidades de escolha sobre o que lembrar (LE GOFF, 1984, p.12).

A difusão da escrita está relacionada ao desenvolvimento social e urbano de cada povo⁶. O registro escrito terá função primordial para as escrituras formais de uma sociedade, como atos financeiros e religiosos,

6 Os processos de escrita e oralidade podem ser observados convivendo em um mesmo período e local, enquanto duas maneiras distintas de relação com a memória e o tempo. O caráter hierárquico entre as mesmas, com a prioridade à escrita, não se dá de forma imediata, sendo possível observar exemplos dessa convivência de uma forma menos desigual. In: HAVELOCK, Eric A. A revolução da escrita na Grécia e suas consequências culturais. São Paulo: Unesp; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

dedicatórias, genealogias e o calendário, por exemplo. Ao mesmo tempo em que a escrita possibilita a ampliação de acesso a informações, com potencial ao conhecimento para um maior número de pessoas, também pode ser utilizada para ratificar diferenças. Observa-se assim o uso da escrita para o exercício do poder, como o religioso e o político.

Organizações como bibliotecas, arquivos e museus têm seu surgimento também vinculado à escrita. E a transformação das mesmas, como é possível observar sobre as instituições em seu conceito moderno, seguirão associadamente o desenvolvimento do conceito de memória do período. A escrita se tornou também um importante mecanismo para o registro da história das civilizações. A escolha sobre o que deveria ser eternizado se deu regularmente pelos grupos de maior poder social, provocando o silenciamento da memória de determinados grupos sociais.

(...) a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva (LE GOFF, 2003, p. 426).

A concepção de memória, com o aprofundamento de estudos contemporâneos, passou a consistir num fenômeno social (HALBWACHS, 2013). Além da existência da memória individual, congrega também uma exposição da coletividade. Os signos e seus respectivos significados reconhecidos por um determinado grupo representam a memória coletiva. A memória individual é afetada pela memória coletiva, sem relegar a influência que a primeira exerce também sobre a segunda. A memória individual pode ser assumida como um ponto de vista sobre a memória coletiva (MIRANDA *et al*, 2019). A memória coletiva detém a potência para o sentimento de pertencimento compartilhado, sendo a relação entre as duas memórias imanente ao processo de vínculo (HALBWACHS, 2013).

Debates que consideram essas novas conceituações disseminam reflexões e encontram perspectivas em outros espaços, para além de ações acadêmicas. Por exemplo, uma nova agenda de discussões sobre o assunto passa a habitar instituições tradicionais. Seus registros de memória

institucional, caracterizados por uma especial atenção à preservação das representações de estruturas de poder vigentes, ganham uma lupa sobre as escolhas de lembranças e apagamentos anteriormente inquestionáveis.

O Museu Nacional/UFRJ vem realizando ações dedicadas à sua preservação. O esquecimento inerente à condição humana e a suas produções perpassou e perpassa a instituição. Ao longo dos anos a preocupação com a sua memória e a preservação de sua história estiveram presentes continuamente, porém, após o trágico incêndio ocorrido em 02 de setembro de 2018, os esforços foram ampliados e aprofundados. Como destaca Nora, “se o que [os lugares de memória] defendem não estivesse ameaçado, não se teria a necessidade de construí-los. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que envolvem, eles seriam inúteis” (NORA, 1993, p. 13).

A perspectiva decolonial tem ganhado espaço nesse contexto de novos olhares aos antigos silenciamentos. A História do Museu Nacional, em paralelo à História dos museus de História Natural, foi marcada por visões de mundo que acabaram por limitar vozes e conhecimentos. O viés decolonial busca dar luz aos avanços de coletividades subalternizadas rumo à emancipação e ao direito à memória, à preservação, à cultura e à cidadania.

Inicialmente, os acervos do Museu Nacional colecionados no início do século XIX foram idealizados pelo o que hoje se caracteriza como colonial:

De certa forma encenando as nações no contexto do Hemisfério Sul, os museus imperiais do século XIX funcionavam como estandartes das viagens dos séculos anteriores. Enquanto os “novos mundos” já faziam parte dos gabinetes dos príncipes, as coleções reais passariam a fazer parte dos contextos coloniais, notadamente no caso brasileiro, com a transferência da corte portuguesa, em 1808. Nesse contexto, o conhecimento produzido pelos museus tinha um centro de difusão, e a ideia de civilização demarcava hierarquias sociais e distinções culturais com base em definições políticas do mundo colonialista (BRULON, 2020).

Diante da necessidade da preservação de memórias, atualmente é imperativo discutir: o que preservar; o que silenciar e qual discurso será transmitido por meio de cada objeto exposto. Dessa forma, não é mais possível manter a mensagem dos objetos e atores relacionados aos valores impostos pela “colonialidade do poder e do saber” (MIGNOLO, 2004, p. 669). Torna-se

relevante analisar criticamente esse discurso fortalecendo o olhar decolonial, visando recuperar vozes e pensamentos ocultados na história.

Como parte da nova agenda de discussão no Museu Nacional pós-incêndio, são priorizados novos e atualizados olhares sobre objetos ou temas existentes, ocasionando disputas de narrativas. Um interessante e controverso debate vem ocorrendo entre museus, suas coleções, seus profissionais e o público. Um exemplo que se consolida é a relação entre antropólogos e os povos originários e seus materiais.

Essa discussão não é recente na área da Antropologia, o que nos facilita pensar sobre o assunto por meio do exemplo de um dos antropólogos da instituição, o professor: João Pacheco de Oliveira. O pesquisador vem militando por meio de denúncias contra os apagamentos identificados nas coleções herdadas já na condição subalterna de peça de museu.

(...) colares, bordunas e cocares usados por líderes indígenas - correspondem a presentes ofertados pelos dirigentes indígenas por ocasião de seu batismo cristão, como prova de amizade e de celebração da paz com os brancos. São em geral peças extremamente valiosas e singulares, pois provêm de pessoas e coletividades historicamente definidas, que se despojavam de bens culturais raros para estabelecer uma relação de aliança e de submissão ao imperador e seus representantes. (OLIVEIRA, 2011, p. 54).

Cabe ressaltar que, nesse exemplo, os acervos do Museu Nacional relacionados aos povos originários, estão sendo recompostos a partir do diálogo com as próprias comunidades indígenas. São elas que indicam os tipos de peças e as narrativas a elas associadas que desejam ver expostas no Museu. Além disso, o indígena Guarani-Kaiowá - Tônico Benites, se torna o primeiro curador do Museu Nacional, representando um grande enriquecimento na perspectiva da museologia social.

Os projetos expositivos vêm refletindo igualmente, questões que repensem as novas perspectivas para as ciências naturais. Os debates buscam considerar a interdisciplinaridade e sua apresentação, saindo do tradicional recorte existente das áreas do conhecimento. O tradicional desenho linear sobre a exposição de acervos de um mesmo departamento acadêmico dá espaço para exposições que apresentem as diversas perspectivas de um

mesmo tema, englobando as diferentes áreas do conhecimento, incluindo a dimensão humana relacionada à natureza, territórios e seus usos e produções. Valoriza-se a dimensão das possibilidades de saber, tornando as relações cada vez menos hierárquicas. Também busca-se refletir, junto ao público, sobre o fazer científico, considerando suas limitações e contradições.

Outro exemplo sobre os novos olhares aos temas do Museu, além do seu âmbito expositivo, é o grande desafio da reconstrução do Paço de São Cristóvão. As características palacianas na fachada externa podem sugerir ou não a manutenção do aspecto de residência imperial em sua parte interna. Assunto que está sendo discutido detalhadamente por especialistas, técnicos, e representantes institucionais, visando salvaguardar o patrimônio histórico e arquitetônico do Museu Nacional, mas unindo a um olhar crítico à história nacional.

Diante desse cenário, conscientes de que o incêndio do Museu Nacional da UFRJ se junta a um grupo de resultados do histórico descaso governamental em relação ao patrimônio nacional, foram deflagradas ações para o salvamento de seu acervo, acompanhadas de atitudes visando a reconstrução do prédio sede do Museu Nacional - o Paço de São Cristóvão, e também a construção de um novo campus, dedicado aos espaços acadêmicos, científicos e administrativos. Mesmo após o trauma vivenciado pelo corpo social do Museu Nacional, e por muitos cidadãos que presenciaram o Museu em chamas, não se deve ignorar ações que ainda resultem em um agravamento desse descaso, apontando para incertezas sobre a continuidade das instituições, especialmente as culturais, educacionais e científicas.

A história do Museu Nacional demonstra o acompanhamento dessa às trajetórias históricas do próprio país. Isso também é reverberado a cada mudança de governo. As dificuldades sentidas nos últimos anos, com a instabilidade política pela qual o Brasil se caracterizou, atingiram também o Museu Nacional e suas ações de reconstrução, em momento de considerada fragilidade.

Resistindo continuamente aos silenciamentos e apagamentos da memória e da história institucional, foi idealizada a confecção de uma Cápsula

do Tempo. A proposta objetivou preservar parte da memória do Museu Nacional e da sociedade presente, e tornar a ação amplamente divulgada, chamando atenção da população sobre as histórias e os saberes que as instituições nacionais possuem. O detalhamento de sua idealização, sua elaboração com diferentes participações, é um verdadeiro exercício de identificação de uma instituição preocupada em preservar sua memória, registrar seu momento atual e as perspectivas para o futuro da instituição e do país.

Detalhamento sobre a Cápsula do Tempo do Museu Nacional/UFRJ

O Museu Nacional da UFRJ “esteve envolvido nos diferentes momentos das comemorações da Independência do Brasil, o que muito engrandece a instituição com o seu caráter de abrangência nacional.” Diante dessa afirmação, antes de apresentar o detalhamento da Cápsula do Tempo do Museu Nacional, é necessário citar a Cápsula que fez parte das comemorações oficiais do governo brasileiro para comemorar o sesquicentenário da Independência do Brasil (MARTINS; DANTAS; APRÍGIO, 2022).

Colocada no Jardim Terraço da Quinta da Boa Vista em 1972 (em frente ao Museu Nacional), a ação foi um marco temporal que serviu para apresentar os objetos que foram selecionados para registrar de intenções daquele período, outrossim, serviu como motivação para a elaboração da Cápsula do Museu Nacional. A Cápsula em celebração ao Sesquicentenário da Independência do Brasil não foi uma ação oficial do governo da época. A organização do material se deu pelos Diários Associados e pela Cia. Reunida de Comunicação, conforme informação obtida pela transmissão de programa na TV Tupi, em 08 de janeiro de 1973. A proposta consistiu em unir materiais que representassem as comemorações da Independência do Brasil, inclusive o vídeo de um programa destinado às próximas gerações (MARTINS; DANTAS; APRÍGIO, 2022).

A Cápsula do Tempo foi depositada em frente ao Paço de São Cristóvão e teve poucos registros sobre a sua formação (ORIÁ; KELLNER, 2022). Sempre teve a atenção de visitantes e trabalhadores do Museu Nacional. Contudo, não há indícios de participação do Museu Nacional e seus membros em sua elaboração.

Com a referência da Cápsula do Tempo do Sesquicentenário da Independência à porta do Museu Nacional, e o Bicentenário da Independência se aproximando, o forte processo de reconstrução vivido pelo Museu Nacional provocou ainda mais o desejo pela formação de uma nova Cápsula. Sua elaboração teve como finalidade o registro de alguns dos marcos da história do Museu Nacional, por meio da guarda de objetos da memória do momento atual, após as comemorações de seu Bicentenário (06/06/2018) e incluindo o trágico incêndio (02/09/2018).

A Primeira Cápsula do Tempo do Museu Nacional/UFRJ, enterrada no dia 25 de novembro de 2022, no Jardim Terraço em frente ao Paço de São Cristóvão, - Parque Quinta da Boa Vista, São Cristóvão, Rio de Janeiro - tem relação direta com as comemorações do Bicentenário da Independência do Brasil. Teve como objetivo não deixar que ações e itens que fazem parte da história institucional caíssem no esquecimento, além da intenção de enviar uma mensagem para as gerações futuras. A previsão de abertura está para 50 anos depois de seu depósito – 2072.

A ideia de criação desta cápsula partiu do diretor do Museu Nacional/UFRJ, Professor Alexander W. A. Kellner, inspirado pela cápsula do tempo enterrada em 1972⁷, no mesmo jardim, por ocasião da celebração do sesquicentenário da independência do Brasil. A proposta inicial era da formação de uma comissão plural, com diversos representantes da sociedade para que todos pudessem informar ao visitante da instituição do futuro sobre os avanços realizados nas últimas cinco décadas no país (1972-2022) e as suas aspirações para o futuro. Também estava sendo proposto a participação de

7 A Cápsula do Tempo de 1972 trazia a seguinte mensagem em sua placa “Todos que por aqui passem protejam essa laje, pois ela guarda um documento que revela a cultura de uma geração e um marco na História de um povo que soube construir o seu próprio futuro (1972-2022)”.

crianças na idade escolar, que poderiam estar presentes quando, em 2072, a cápsula for aberta. Apesar da proposta desta comissão, que deveria contar com empresários, artistas e personalidades, como, também, com pessoas de diferentes classes sociais ter sido apresentada ainda no início de 2021 ao Comitê Executivo do Projeto Museu Nacional Vive, a mesma acabou não sendo implementada.

Assim, as cápsulas de 1972 e a de 2022 possuem em comum a aproximação do local de seu depósito, a relação com as comemorações da independência do Brasil, o prazo para abertura, mas também a instituição responsável pela sua produção – Instituto Nacional de Tecnologia (INT), que foi outro motivador para a idealização da cápsula do tempo do Museu. No entanto, a concepção e concretização das duas cápsulas divergem bastante, sobretudo com relação a participação do corpo social do Museu Nacional.

Em 20 de dezembro de 2021, Andrea Lessa, da Divisão de Comunicação do INT entrou em contato com o Museu Nacional, através da servidora técnico-administrativo em educação, Maria Gabriela Evangelista Soares da Silva, coordenadora do Núcleo de Comunicação e Eventos (NuCE), por ter visto uma matéria no veículo UOL sobre a cápsula de 1972 que havia sido confeccionada pelo INT e deveria ser aberta em 2022. O contato ocorreu, pois o INT desejava participar da cerimônia de abertura. Na ocasião, foi informado que a abertura deveria ocorrer apenas no segundo semestre, próximo às comemorações do bicentenário da independência.⁸

A partir desse contato, foi estabelecido um canal de diálogo com o INT, inicialmente com foco na cápsula de 1972, mas em 25 de janeiro, o Museu comunicou ao INT o projeto de criar a primeira cápsula do tempo do Museu Nacional/UFRJ e solicitou agendamento de reunião para tratar do assunto com a instituição. A iniciativa foi recebida com entusiasmo e no mês seguinte, a primeira reunião virtual foi realizada, contando com a participação de Alexander

8 A abertura da Cápsula de 1972 acabou por ocorrer em momento posterior ao depósito da Cápsula do Museu Nacional. A Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro coordenou a abertura da cápsula, realizando a ação no dia 07 de dezembro de 2022. Infelizmente foi observada uma deterioração expressiva nos itens guardados devido às condições de conservação. Até o momento não houve maiores detalhes sobre o acervo da cápsula, de responsabilidade da Prefeitura do Rio de Janeiro. Os pleitos para que esse material viesse a ser depositado no Setor de Memória e Arquivo do Museu Nacional/UFRJ, em reconstrução, não foram atendidos.

W. A. Kellner e M. Gabriela Evangelista, pelo Museu Nacional, e Denise Pacheco, Justo D'Ávila, Mauricio Monteiro e Javier Alejandro, pelo INT. A equipe foi ampliada, posteriormente, com Andréa Lessa e Valéria Pimentel, ambas do INT, tendo sido fundamentais para as discussões.

O projeto de confecção da cápsula do Museu em parceria com o INT foi se consolidando ao longo de reuniões periódicas em que era discutido desde o tipo e dimensões da caixa da cápsula quanto orçamentos, cerimonial e formas de participação de cada instituição.

Em 08 de julho, foi apresentado o orçamento de R\$38.850,00 (trinta e oito mil e oitocentos e cinquenta reais) para a produção da cápsula. O alto valor sinalizou a inviabilidade de execução do projeto. No entanto, o INT havia abraçado a iniciativa e estava disposto a realizar o projeto, pois se encontravam em celebração do centenário do INT e identificaram, na cápsula, a possibilidade de preservar a memória desse marco histórico. Assim, foram realizadas novas pesquisas referentes ao material que poderia ser utilizado, às empresas que poderiam produzir e ao tamanho da caixa. Consequentemente, o valor foi reduzido e absorvido pelo próprio INT, cabendo ao Museu, a confecção da placa de localização da cápsula. O gasto final da cápsula girou em torno de R\$ 8.000,00 e o da placa de R\$ 10.000,00.

Ao fim do mês de julho, o desenho da cápsula estava definido e pronto para seguir à etapa de produção. O projeto teve como criador o Coordenador de Tecnologia de Materiais do INT - Javier Alejandro Carreno Velasco e a produção ficou a cargo da empresa Total Inox.

A confecção da cápsula durou cerca de um mês, tendo sido finalizada em 15 de setembro de 2022. O seu material é de aço Inox 316, revestido internamente de polipropileno, em um corpo de 600mm x 530mm x 500mm. A tampa possui duas alças e vinte e quatro parafusos do tipo *philips* que tiveram de ser apertados manualmente para que não provocasse danificação no momento do fechamento da cápsula. Além disso, uma borracha foi colada entre o corpo da cápsula e a tampa para bloquear a passagem de umidade. A gravação na tampa da cápsula, com as logomarcas do INT e do MN, informa “*Enterrada em 2022, por ocasião do Bicentenário da Independência do Brasil*” e

“Esta cápsula deve ser aberta em 2072”. O cuidado com a produção da cápsula e os materiais utilizados buscam aplicar a melhor tecnologia possível para a conservação dos materiais.

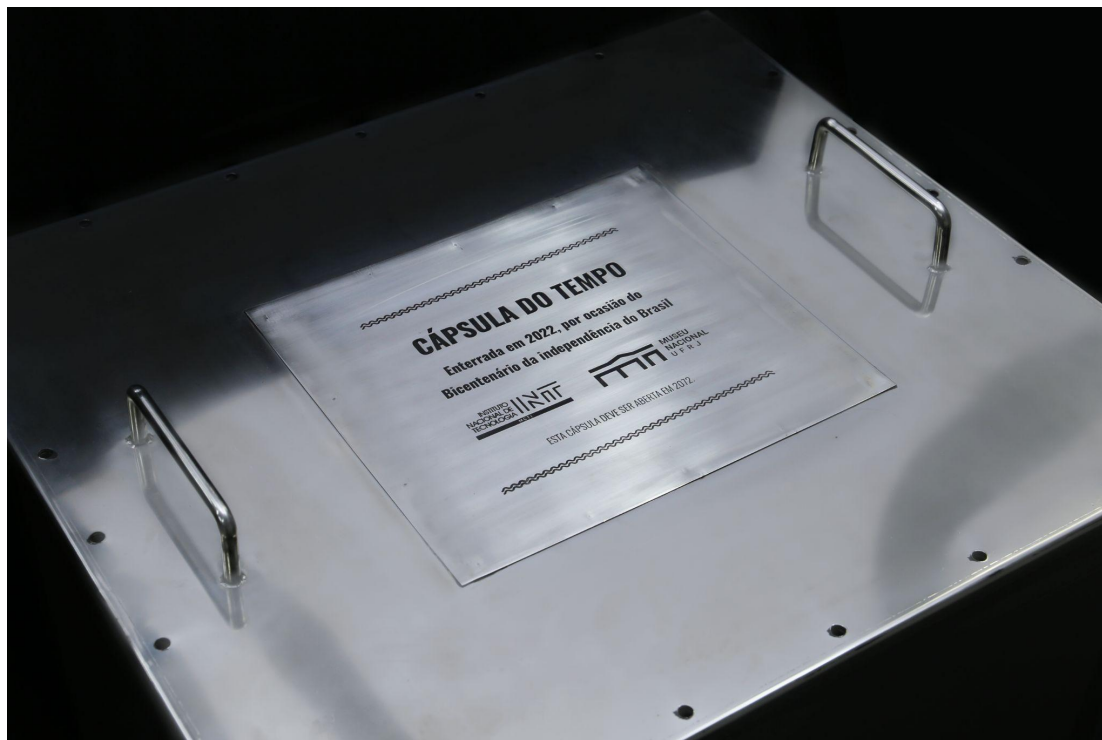


Figura 1: Cápsula do Tempo do Museu Nacional, 2022 Foto: Instituto Nacional de Tecnologia (INT).

A perfuração do solo e preparo da estrutura de concreto para o armazenamento da cápsula foi realizada na semana do depósito da mesma, pelos trabalhadores terceirizados: Armando José da Silva Junior; Bruno Barbosa Pinto; Everton Luiz Moura da Silva; Nathan Vitor da Silva; Nazareno Vitor da Silva e Reginaldo Accioly, seguindo as medidas designadas pelo INT - 800mm x 800mm x 600mm. Interessante ressaltar a alegria destes profissionais quando souberam que iriam participar desta ação. Um deles, inclusive, solicitou - e recebeu - a permissão de colocar o seu crachá de trabalho, minutos antes da cápsula ter sido lacrada, em uma demonstração do apreço dado à esta iniciativa. O seu nome somente será revelado em 50 anos. Ademais, no momento anterior à cápsula ser lacrada, os participantes que estavam presentes poderiam escrever alguma mensagem para o futuro. Entre

as pessoas que participaram desse momento estava a repórter Luana Alves, uma das profissionais da mídia a cobrir o evento, documentando o momento no qual colocava a sua mensagem dentro da cápsula, alinhado ao espírito desta atividade.

A localização escolhida para depósito da cápsula foi a área centralizada entre as árvores do platô do Jardim Terraço, no nível de acesso ao Paço de São Cristóvão e sobre ela foi colocada uma placa de bronze que diz “2022 – 2072 - Todos que por aqui passem, protejam esta cápsula – que guarda a memória da ciência, da tecnologia e da cultura de seu tempo e aponta às expectativas para o futuro da nação brasileira.”. A frase foi proposta por M. Gabriela Evangelista, então chefe do NuCE/MN/UFRJ, que se inspirou na frase da cápsula anterior, tendo adicionado o termo “tecnologia”, a pedido do INT, para que sua especificidade também estivesse ali representada. A placa foi fixada sobre uma tampa de concreto, que serviu para vedar o buraco de armazenamento da cápsula, e seu posicionamento foi escolhido para estar de frente para quem acessa o Paço pela escadaria do Jardim.

A intenção é que o visitante possa contemplar os dizeres da placa e observar o Paço de São Cristóvão, podendo idealizar que uma pequena parte da memória e do patrimônio daquela instituição e da sociedade está debaixo de seus pés, podendo refletir sobre a grande riqueza que está dentro do Museu à sua frente.

A cápsula ficou armazenada no INT até 07 de novembro de 2022, quando chegou ao Museu Nacional/UFRJ, sob os cuidados do servidor Renato Augusto de Oliveira da Costa, no NuCE, junto ao servidor, motorista, Elizeu Teixeira de Moraes, na viatura oficial do Museu Nacional – uma Dobló cinza, de placa KPG9619. Elizeu relatou a sua emoção em participar desse momento, que entra para a história do Museu e torna-se um marco para as futuras gerações.

No Museu, a cápsula permaneceu guardada na sala do NuCE, localizada no Campus de Pesquisa e Ensino Museu Nacional/UFRJ (sala 21 do Prédio Administrativo, na Rua Bartolomeu de Gusmão, 875 – São Cristóvão), junto a sua placa de bronze, até a véspera do grande dia, quando subiu para a

área do Paço de São Cristóvão, ficando armazenada no contêiner da Administração da Sede, aos cuidados das servidoras Juliana Salles da Costa e Cleide Maria da Conceição Martins.

Antes do relato do dia da cerimônia, cabe registrar a metodologia para selecionar o material que seria depositado na cápsula. O NuCE ficou responsável por encaminhar um comunicado ao corpo social do Museu, solicitando o envio de sugestões de itens para a cápsula e a partir delas, convites foram feitos para a participação dos servidores como por exemplo: escrita de cartas dos curadores atuais para os curadores do futuro; fotos e listagens das equipes; e, por meio da sugestão da Seção de Assistência ao Ensino (SAE), confecção de cartas, desenhos, pinturas ou outros trabalhos artísticos, entre servidores e crianças, adolescentes ou jovens de sua família para que também fossem depositados na cápsula, pois grande parte dos servidores talvez não tenham a oportunidade de ver a abertura da cápsula, mas seus descendentes provavelmente poderão contemplar esse momento histórico.

A SAE, com a equipe do educativo formada pelas servidoras Fernanda de Lima, Patrícia Braga do Desterro e Fabiana Nascimento, e a estagiária Lucia Marinho, em colaboração com o Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST) - com a equipe composta por Alana Dahan, Caroline Chamusca, Isabel Mendes, Laura Milena Santos e Patrícia Spineli - e o Colégio Pedro II, Campus São Cristóvão I, por meio da Professora Patrícia Pacheco, planejaram a atividade que foi realizada com os estudantes do primeiro ano do ciclo básico – turma 106.

A atividade, desenvolvida em dois dias, contou, no primeiro, com a leitura do livro *Eu e o Tempo* de Bia Bedran, seguido de uma conversa sobre a forma como o tempo se apresenta em nossas vidas, para que as crianças pudessem entender a passagem do tempo, através dos movimentos de rotação e translação da terra. No segundo dia, lembrando o debate sobre o tempo, as educadoras contaram sobre a cápsula e estimularam as crianças a desenharem como elas achavam que o mundo estaria daqui a 50 anos. Os desenhos, assim como a foto da turma, constam entre os mais importantes

itens depositados, pois também são essas crianças que poderão presenciar a abertura da cápsula e verificar como seus sonhos se realizaram ou não e também como foram modificados.

A cápsula também recebeu material do Fórum de Ciência e Cultura, instância a qual o Museu está vinculado, e de outras unidades da UFRJ. Além disso, o Museu Nacional/UFRJ convidou instituições parceiras, como as que compõem o Projeto Museu Nacional Vive e outras que têm sido fundamentais na reconstrução do Museu, como o *Goethe-Institut*, para enviarem o material que desejassem guardar na cápsula. Apesar de a cápsula ser do Museu Nacional, ela teve como propósito guardar não apenas parte da memória do Museu, mas também dos parceiros que estão ao lado do Museu, nesse momento tão marcante para a história presente da instituição.

O INT escolheu sete itens para marcar o seu centenário: Carta da Diretora Iêda Maria Vieira Caminha destinada a quem abrir a cápsula futuramente; Escultura em ferro da primeira Réplica de carro movido a etanol do país - Ford T, simbolizando o espírito inovador da instituição, já em 1925; Prótese de quadril em liga TI-6Al-4V, desenvolvida pela instituição; Réplica em tamanho reduzido da múmia egípcia Sha-Amun-en-su, impressa em 3D com as cinzas do incêndio do Museu Nacional; Livro *Seen Unseen 3D visualization*; Pendrive com informações sobre projetos e vídeos institucionais, a linha do tempo dos 100 anos do INT, além de fotos e o nome de todos os colaboradores do Instituto em atividade neste ano de 2022; e Frasco de Grafeno, produto que tem o Brasil como protagonista no desenvolvimento de suas múltiplas possibilidades de aplicação.

Foram mais de 100 itens depositados na cápsula. Todo o material foi envelopado em papel pardo e armazenado em envelopes plásticos lacrados, visando preservar o conteúdo da melhor maneira possível (APÊNDICE A).

Dentre os itens, destacamos algumas peças, tais como:

- Carta do Diretor Alexander Kellner para o futuro diretor ou diretora do Museu Nacional. O conteúdo da carta não foi publicizado e só poderá ser conhecido em 50 anos;

- Colar e brincos com pingentes feitos em pinho de Riga, madeira resgatada do Palácio de São Cristóvão após o incêndio de setembro de 2018. O conjunto foi feito por Alessandra Ribeiro Guimarães e doado pela Vice-diretora Andrea Ferreira da Costa;
- Carta aos visitantes do futuro, elaborada pelo Núcleo de Atendimento ao Público – NAP;
- Pedrinhas Coloridas, que foram a primeira doação de acervo para recompor as coleções do Museu Nacional/UFRJ, entregue em mãos ao Diretor, logo após o dia da tragédia (incêndio realizado em 2/10/2018), por uma pessoa da população do Rio de Janeiro que se emocionou com o ocorrido e quis colaborar a sua maneira. A doação consiste em seis pedras coloridas, três das quais foram colocadas dentro da cápsula, tendo coloração azul, rosa e verde. As outras serão expostas quando o Museu foi reaberto, o que está previsto para 2026; cumpre informar que, antes de serem depositadas dentro da cápsula, elas geraram grande interesse das crianças que estavam presentes no evento;
- Kit dos 200 anos Museu Nacional/UFRJ, composto por broche de metal com logo do Museu Nacional/UFRJ; folder; caderno de capa dura; catálogo “200 anos do Museu Nacional/UFRJ”; moeda comemorativa do bicentenário e lápis. Este kit marca a comemoração do Bicentenário da instituição que havia ocorrido em junho de 2018, pouco antes da tragédia;
- Kit de memória do Festival Museu Nacional Vive que possui uma carta, uma camisa e documentação referente ao festival. Esse material registra o esforço do corpo social do Museu e do público em prol da reconstrução;
- Peças que são vestígios da tragédia de 02 de setembro, ocorrida no Paço – as peças são constituídas de vidro, ferro e madeira carbonizada e foram doadas pelo Diretor Alexander Kellner;
- Peças do Núcleo de Resgate de Acervo - Cravo Colonial, que unia as estruturas do telhado Torreão Norte do prédio do Museu; Corte de Madeira (angelin), gravado a laser – obtido a partir de uma das vigas

que sustentava a estrutura do telhado do Torreão Sul do Museu. Em uma das faces está gravada a laser a fotografia obtida no dia seguinte ao incêndio do Museu, momento em que bombeiros efetuavam o rescaldo da estrutura do prédio. A peça é de autoria do professor Sérgio Azevedo, do Departamento de Geologia e Paleontologia/MN/UFRJ e uma Réplica do “escaravelho coração” que se encontrava dentro do caixão da múmia Sha-Amun-em-Su, a réplica foi elaborada a partir de detritos da sala de exposições egípcias do Museu, coletados após o incêndio. A peça original foi resgatada após o incêndio e reincorporada à coleção egípcia;

- Uma miniatura do crânio de Luzia, que são os restos osteológicos mais antigos documentando a presença humana no Brasil;
- Artigos: relativos à história institucional: “Do Sesquicentenário ao bicentenário: as práticas do Museu Nacional além das efemérides da independência do Brasil”, Autores: Mariah Martins; Paulo Vinícius Aprígio da Silva e Regina Dantas; “Resistência e Luta: dimensões políticas da busca pela antropologia por estudantes indígenas nas experiências a partir do Museu Nacional, Autores: Antonio Carlos de Souza Lima; Cristiane Gomes Julião e Luiz Henrique Eloy Amado;
- Artigos relativos aos enredos de carnaval "Paço de São Cristóvão: do Palácio Real ao Museu Nacional, 200 anos de história" (Grêmio Recreativo Escola de Samba Arrastão de Cascadura - 2008) e "Uma noite real no Museu Nacional" (Grêmio Recreativo Escola de Samba Imperatriz Leopoldinense – 2018, meses antes do incêndio). Ambos de autoria de Regina Dantas;
- Plantas do Paço de São Cristóvão, em diferentes períodos e projeto de Arquitetura e Restauro do Paço de São Cristóvão. (fornecidos pela Arquiteta Paula Van Biene, do Museu Nacional/UFRJ).
- Desenhos do 1º ano do Colégio Pedro II (Turma 106 de 2022) da Professora Patrícia Pacheco (20 desenhos / Foto da turma / Relatório da atividade).

- Discurso proferido pelo Presidente da República de Portugal, Marcelo Rebelo de Sousa, na Sessão Solene Comemorativa do Bicentenário da Independência do Brasil;
- Postais da China em homenagem ao Museu Nacional/UFRJ, com imagem da Luzia;
- Cópias de cartas da Imperatriz Leopoldina, enviadas pela Embaixada da Áustria no Brasil;
- Dente da Baleia cachalote de aproximadamente 15.7 metros, que foi montada provisoriamente na Cidade das Artes com auxílio do Governo da Alemanha e do Fundo Brasileiro para a Biodiversidade (FUNBIO).

Todos os pontos apresentados acima se destacam para o objetivo do presente artigo por representarem a preocupação do Museu Nacional com a preservação da memória histórica, científica e cultural da instituição, como por exemplo: as peças resgatadas no incêndio. Elas registram o trágico e inesquecível momento e, ao mesmo tempo, a sobrevivência de alguns dos acervos, fruto da ação de parte da comunidade do Museu que acreditava encontrar vestígios; o kit dos 200 anos do Museu Nacional, que pretende registrar o ano das comemorações de seu Bicentenário, momento tão relevante à instituição, primeira no país; os desenhos dos estudantes do Colégio Pedro II, exatamente para mostrar o envolvimento e a expectativa de parte representativa de nossos visitantes - os estudantes, em relação à reconstrução do Museu Nacional; e, enaltecemos a documentação do Festival Museu Nacional Vive, pois constata para a nossa sociedade a resiliência institucional.

Voltando à cerimônia da Cápsula, contou-se com a presença do corpo social do Museu, muitos acompanhados de crianças, seus filhos, sobrinhos, afilhados etc; dos estudantes do 1º ano do Colégio Pedro II, que participaram da atividade educativa acima mencionada; além de parceiros; convidados e a grande imprensa. Antes do início do evento, alguns envelopes já foram depositados na cápsula, por Maria Luísa do Desterro Martins, filha da servidora do Museu Nacional, Patrícia Braga do Desterro.

Durante o evento, houve a fala do Diretor do Museu Nacional, Professor Alexander Kellner e da Diretora do INT, Sra. Iêda Maria Vieira Caminha, que ressaltaram a importância de salvaguardar nossas memórias para o futuro. Ao término, os itens foram depositados, começando pelos desenhos dos estudantes, colocados por Lui Bittencourt da Costa Nicoliche, junto à professora da turma; seguido da produção feita pelas crianças dos servidores do Museu que foram depositados por M. Gabriela Evangelista, junto com sua afilhada Yeva Bouza Baeta, de 2 anos; em seguida, a Diretora Yêda colocou os itens do INT e o Diretor Alexander Kellner encerrou colocando a sua carta e o livro de ouro com as assinaturas de todos os presentes naquele momento.



Figura 2: Servidora Fernanda Pires e sua filha Beatriz aparafusando a tampa da Cápsula. Foto: Felipe Cohen – Projeto Museu Nacional Vive

O fechamento da cápsula também contou com a participação dos estudantes do Colégio Pedro II e de servidores e parceiros institucionais com seus filhos em um gesto simbólico em que o presente e o futuro juntos guardavam as memórias da instituição. Por fim, a cápsula foi depositada no solo e lacrada com sua placa de concreto e bronze para ser reaberta apenas em 2072.

Considerações Finais

Diante da problematização em se criar uma Cápsula do Tempo institucional em que se preserve parte da memória do Museu Nacional, esperamos mais do que encapsular itens que mostram os registros da instituição em 2022. Espera-se que, após cinquenta anos, as autoridades locais (da UFRJ e MN) e nacionais; servidores das instituições relacionadas e o público do Museu Nacional reflitam sobre as características de uma entidade acadêmica bicentenária preocupada em preservar sua memória institucional. Todo o projeto de reconstrução está sendo elaborado a partir de um grande trabalho envolvendo ações de diversos atores (GUEDES; KELLNER 2022), inclusive do exterior, que têm sido acionados de diversas formas (KELLNER, 2019b).

A Cápsula do Tempo representa a busca pela constituição da memória institucional. Entretanto, uma memória que permaneça conectada às memórias individuais e de grupos. A cápsula do tempo é uma ação que vem resgatar e demonstrar o tratamento com a história e a memória. Apesar do trauma vivido, da tragédia que marca uma destruição material e imaterial, o Museu resiste ao incômodo do esquecimento, à angústia do exaustivo trabalho de reconstrução material, para garantir que a memória dessa resistência persista à passagem do tempo e alcance outras gerações. Que essas possam repensar e reconstruir as histórias e as memórias.

Sendo a Cápsula do Museu Nacional, desejou-se que as principais temáticas da instituição estivessem representadas como a ciência, a cultura, as coleções, a educação, a história e a relação com o público.

Membros e grupos da sociedade civil, e da comunidade interna do Museu Nacional, foram convidados a participar da construção da cápsula. A contribuição da comunidade interna e externa buscou garantir a significância dos registros escolhidos aos que representam a instituição e também aos que representam a sociedade civil.

Foram solicitadas ideias de materiais a serem depositados na cápsula. A necessária participação para a construção da cápsula se dá como mais um

exercício de construção coletiva memorial. De maneira bem livre a proposta foi impulsionada pela pergunta: o que você deseja falar ou mostrar para as pessoas daqui a 50 anos.

A participação de crianças foi um ponto alto do processo. Além de representarem o futuro, trouxeram a espontaneidade e a criatividade de suas ideias para a cápsula. O envolvimento delas é muito importante, pois a proposta é que se tornem guardiães da cápsula. Os alunos da turma possuem cerca de sete anos, e terão quase sessenta anos quando a cápsula deverá ser aberta.

Há que ter o esforço continuado de construir a responsabilidade em cuidar da cápsula. Esse artigo é mais uma ação para que se tenha o registro do feito, apoiando que as gerações atuais e as próximas conheçam e se tornem guardiãs da cápsula.

A constituição da cápsula brinca com os conceitos de passado, presente e futuro. Pois todos os momentos envolvidos passaram, passam e passarão por esses tempos. A cápsula do tempo guarda um passado ou um presente? Mas tudo que há ali foi elaborado projetando-se para o futuro. Qual tempo se torna mais forte e profundo nesse processo? O importante é que se buscou registrar cada momento desta ação, o que nem sempre é realizado, privando as gerações futuras dos bastidores desse tipo de iniciativa. Aparentemente, não proporcionam nenhum resultado especial para o presente, mas que podem ser interessantes e reveladoras para o futuro. A cápsula encerra em si muitos momentos e muitas histórias, como um exercício de reflexão sobre os tempos: o que se é no presente, o que será no passado e no futuro.

Teoricamente, a ação dá uma impressão de marcação de um tempo finito (pré-determinado), porém diante da divulgação desta atividade, sinaliza-se que se trata da Primeira Cápsula do Museu Nacional/UFRJ, o que sugere a realização de outras para impulsionar o registro infinito de sua memória em tempos diferentes. Enfim, registrar o que não deve ser esquecido em determinado espaço de tempo. Quem sabe, Direções futuras dessa instituição não poderão dar continuidade a este tipo de ação, adaptando-a às

circunstâncias e tecnologia da época, mas sempre com o intuito de preservação da memória.

Como uma metáfora à própria relação do Museu Nacional com seu patrimônio material e imaterial, assim como com a destruição e continuidade dos mesmos, a constituição da cápsula do tempo remete a essa relação entre a materialidade e a imaterialidade, e principalmente, à participação dos indivíduos e dos grupos sociais na formação desse acervo depositado. Os objetos guardados são materiais físicos, mas trazem diversos significados, individuais e coletivos, remetendo ao Museu Nacional, ao país e ao futuro.

Por fim, alguns de nós, autores e leitores não teremos o privilégio de acompanhar a abertura da Cápsula em questão, mas o relevante é esse sentimento de certeza de que foram selecionados itens pensando na correspondência às características desse tempo em que a comunidade do Museu Nacional e parceiros estão envolvidos com a reconstrução do Museu Nacional/UFRJ.

Referências Bibliográficas

ASSMANN, Jan. Memória Comunicativa e Memória Cultural. **Revista Oral**. v. 19, n. 1, p. 115-127, jan/jun. 2016.

BRASIL (Estado). **Constituição (1818)**. Decreto nº 8, de 06 de junho de 1818. Coleção de Leis do Império do Brasil. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/sn/antioresa1824/decreto-39323-6-junho-1818-569270-norma-pe.html>. Acesso em: 18 fev. 2023.

BRULON, Bruno. Descolonizar o Pensamento Museológico: reintegrando a matéria para re-pensar os museus. **An. mus. paul.** 28. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-02672020v28e1>. Acesso em agosto de 2022.

DANTES, Maria Amélia Mascarenhas. As instituições imperiais na historiografia das ciências no Brasil. In: **Ciência, Civilização e Império nos Trópicos**. (orgs.) Alda Heizer e Antonio Augusto Passos Videira. Rio de Janeiro: Acces, 2001a.

_____. **Espaços da Ciência no Brasil**. (org.) 1800-1930. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001b.

DANTAS, Regina Maria Macedo Costa. A Casa do Imperador: Do Paço de São Cristóvão ao Museu Nacional. Rio de Janeiro: 2007. **Dissertação** (Mestrado em Memória Social) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

_____. Casa Inca ou Pavilhão da Amazônia? A participação do Museu Nacional na Exposição Universal Internacional de 1889 em Paris. Rio de Janeiro: 2012. **Tese** (Doutorado em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro.

GUEDES, Fernanda Cristina Cardoso, KELLNER, Alexander Wilhelm Armin. After the Fire: Developing Reconstruction Strategies and Public Outreach at the Museu Nacional/UFRJ. **Museum International** 74 (1-2): 6-17, 2022.

GUALTIERI, Regina Cândida Ellero. **Evolucionismo no Brasil. Ciência e Educação nos Museus. 1870-1915**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Ed. Centauro, 2013.

HAVELOCK, Eric A. **A revolução da escrita na Grécia e suas conseqüências culturais**. São Paulo: Unesp; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

KELLNER, Alexander Wilhelm Armin. A reconstrução do Museu Nacional: bom para o Rio, bom para o Brasil. **Ciência e Cultura** 71(3): 4-5 (ISSN 2317-6660; <http://dx.doi.org/10.21800/2317-66602019000300001>), 2019a.

_____. Das Nationalmuseum in Rio lebt. ICOM - International council of museums Deutschland, **Mitteilungen** 2019, 41: 20-24 (http://www.icom-deutschland.de/client/media/40/11_mitteilungen_2019.pdf; ISSN 1865-6749), 2019b.

KEULLER, Adriana Tavares do Amaral Martins. Os Estudos Físicos de Antropologia no Museu Nacional do Rio de Janeiro: Cientistas, objetos, idéias e instrumentos (1876-1939). São Paulo: 2008. **Tese** (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

_____. Memória. In: ROMANO, R. (Dir.). **Enciclopédia Einaudi**. v.1 – Memória, História. Lisboa: Impr. Nacional/Casa da Moeda, 1984. p.12-14.

LOPES, Maria Margaret. **O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX**. São Paulo: Ed. HUCITEC, 1997.

_____. Pesquisa Científica é no Museu. **Revista de História da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro: RHBN, n. 01, 2010. p. 59-63.

MARTINS, Mariáh. Palavras que preservam: os conceitos na Preservação e o Patrimônio Cultural edificado em situação de desastre. Rio de Janeiro: 2020. **Tese** (Doutorado em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro.

MARTINS, Mariáh; DANTAS, Regina; APRÍGIO, Paulo Vinicius. Do Sesquicentenário ao Bicentenário: as práticas do Museu Nacional além das efemérides da independência do Brasil. **Revista Práticas de Gestão Pública Universitária**. V. 6, n. 2, 2022. p. 198-216. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/pgpu/article/view/54038>. Acesso em: Dezembro 2022.

MIRANDA, Lucas Mascarenhas de; VILAR, João; SILVA, Luis Paulo. Memória Individual e Coletiva. In: Vozes e Silenciamentos em Mariana: crime ou desastre ambiental? **Jornal da UNICAMP**, 2019. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2019/05/27/memoria-individual-e-coletiva>. Acesso em: agosto de 2022.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Revista do Programa de Estudos Pós-graduados de História**. Vol. 10. 1993.

OLIVEIRA, João Pacheco de. O retrato de um menino bororo: narrativas sobre o destino dos índios e o horizonte político dos museus. Séculos XIX e XXI. **Musas – Revista Brasileira de Museus e Museologia**, n. 5, p. 36-59, 2011.

ORIÁ, Ricardo & KELLNER, Alexander Wilhelm Armin. 2022. A cápsula do tempo no Museu Nacional/UFRJ. **Estadão** - blogs Fausto Macedo. 22/01/2022 (<https://tinyurl.com/2sp2zanf>; <https://tinyurl.com/2p8k44kx>; Instituto Brasileiro de Direitos Culturais - <https://www.ibdcult.org/post/a-c%C3%A1psula-do-tempo-no-museu-nacional---ufrj>).

RODRIGUES-CARVALHO, Claudia (ed). **500 Days of Rescue Memory, Courage and Image** (Série Livros Digital). Rio de Janeiro: Museu Nacional, 2021.

APÊNDICE A

Lista de itens depositado na Primeira Cápsula do Tempo do Museu Nacional/UFRJ:

1. Artigos científicos

“Do Sesquicentenário ao bicentenário: as práticas do Museu Nacional além das efemérides da independência do Brasil.

Autores: Mariah Martins; Paulo Vinícius Aprígio da Silva e Regina Dantas.

“Resistência e Luta: dimensões políticas da busca pela antropologia por estudantes indígenas nas experiências a partir do Museu Nacional.

Autores: Antonio Carlos de Souza Lima; Cristiane Gomes Julião e Luiz Henrique Eloy Amado.

“O Museu dá samba: comemorações do bicentenário do Museu Nacional/UFRJ” - sobre o samba-enredo *Uma noite real no Museu Nacional* (Grêmio Recreativo Escola de Samba Imperatriz Leopoldinense - 2018, meses antes do incêndio).

Autoras: Regina Dantas; Mariah Martins.

“Quando um Museu dá Samba: a popularização do Museu Nacional da UFRJ no Carnaval carioca” - sobre o samba-enredo *Paço de São Cristóvão: do Palácio Real ao Museu Nacional, 200 anos de história* (Grêmio Recreativo Escola de Samba Arrastão de Cascadura - 2008).

Autora: Regina Dantas.

2. Caixa com pequena doação do então Diretor do Museu Nacional/UFRJ, Prof^o Alexander W. A. Kellner.
3. Carta aos Futuros Curadores do Museu Nacional/UFRJ:
Curadoria Coleção de Paleovertebrados – Luciana Barbosa de Carvalho – servidora técnico-administrativa em educação do Departamento de Geologia e Paleontologia;
Curadoria Coleção Arqueológica – Lucas Antônio da Silva – servidor docente do Departamento de Antropologia;
Curadoria Coleção de Sedimentologia – João Wagner Alencar Castro – servidor docente do Departamento de Geologia e Paleontologia;
Curadoria Coleção de Meteoritos – Maria Elizabeth Zucolotto - servidora docente do Departamento de Geologia e Paleontologia;
Curadoria do Setor de Etnologia e Etnografia do Museu Nacional/UFRJ – servidor docente, João Pacheco e primeiro curador indígena do Museu, Tonico Benites.
4. Carta da Cápsula do Tempo de 2022, que conta a sua própria trajetória até o dia do seu depósito.
5. Carta, com conteúdo não publicizado, do então Diretor do Museu Nacional/UFRJ, Prof^o Alexander W. A. Kellner para o diretor ou diretora que estará à frente da direção em 2072.
6. Carta e fotos dos servidores técnico-administrativos em educação do Museu Nacional/UFRJ.
7. Carta Cristiane Julião – indígena e doutoranda do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional/UFRJ.
8. Carta aos visitantes do futuro, do Museu Nacional/UFRJ (elaborada pelo Núcleo de Atendimento ao Público – NAP).
9. Cartas, desenhos e fotos de filhos(as), sobrinhos(as), netos(as) e afilhados(as) de servidores(as) do Museu Nacional.

10. Colar e brincos com pingentes feitos em pinho de Riga, madeira resgatada do Palácio de São Cristóvão após o incêndio de setembro de 2018, que foram feitos por Alessandra Ribeiro Guimarães e doados pela Vice-diretora Andrea F. da Costa.
11. Convite para o evento marco do início das obras nas fachadas e telhados do Paço de São Cristóvão/Museu Nacional/UFRJ – novembro/2021.
12. Crachá Funcional do Diretor do Museu Nacional Alexander Kellner, da época em que era Professor Adjunto.
13. Dente da baleia cachalotes de 15.7 metros que faz parte da exposição “Que baleia é essa”, inaugurada em 06 de junho de 2022, na Cidade das Artes Bibi Ferreira – Barra da Tijuca.
14. Desenhos dos estudantes do 1º ano do Colégio Pedro II (Turma 106 de 2022) da Professora Patrícia Pacheco (20 desenhos / Foto da turma / Relatório da atividade).
15. Documentos diversos da Direção do Museu Nacional/UFRJ.
16. Doação de acervo “Pedrinhas Coloridas” - 1ª doação de acervo para recompor as coleções do Museu Nacional/UFRJ, entregue em mãos ao Diretor, logo após o dia da tragédia, por um popular que se emocionou com o ocorrido e quis colaborar a sua maneira. A doação consiste em seis pedras coloridas, três das quais foram colocadas dentro da cápsula, tendo coloração azul, rosa e verde. As outras serão expostas quando o Museu foi reaberto, o que está previsto para 2026.
17. DVD “Uma Descoberta na China” - Pterossauro.
18. Faixas Futebol Brasileiro (Tetracampeão Copa do Brasil 2022 – Flamengo / Tricampeão Libertadores 2022 – Flamengo).
19. Fantasia Desfile da Imperatriz Leopoldinense – pedaço da fantasia “Coral de Fogo” que compôs o desfile de 2018 da escola de samba, em homenagem ao bicentenário do Museu Nacional/UFRJ. Trata-se da Gorgônia-de-fogo (*Muricea flama*), espécie descrita por pesquisadores do Museu Nacional. O Carnavalesco Cahê Rodrigues se inspirou ao visitar as exposições da instituição e optou por ela por ter sido descrita por cientistas da casa. Grande parte do corpo social do Museu desfilou com essa fantasia.
20. Fita VHS – Expedição “Em Busca dos Dinossauros”
21. Folders: Museu Nacional Vive: A Recuperação do Palácio-sede das exposições do Museu Nacional/UFRJ - folder sobre a reconstrução do Museu Nacional para solicitar apoio ao Congresso Nacional; Museu Nacional Vive: memória e perspectivas – carta do Diretor sobre a reconstrução do Museu Nacional – 18/09/2019; Reconstrução do Museu Nacional – 201 anos do Museu e as frentes de trabalho para a reconstrução; Campanha Recompõe: 1ª versão português e inglês (Setembro/2021); e 2ª versão português e inglês (Maio/2022); Exposição “Que baleia é essa?” – uma baleia para o Museu Nacional; Apoie a

- reconstrução do Museu Nacional/UFRJ – folder sobre a reconstrução do Museu Nacional para solicitar apoio ao Congresso Nacional publicado em 2022.
22. Kit Covid: Máscara; teste PCR (swab) e 2 frascos de dose da vacina (Fiocruz).
 23. Kit 200 anos Museu Nacional/UFRJ (broche de metal com logo do Museu Nacional/UFRJ; folder; caderno de capa dura; catálogo “200 anos do Museu Nacional/UFRJ”; moeda comemorativa do bicentenário e lápis).
 24. Kit Museu Nacional Vive (camisa + broche + bloco + ecobag).
 25. Livro de Ouro da 1ª Cápsula do Tempo do Museu Nacional/UFRJ, com a assinatura dos presentes na cerimônia.
 26. Livros: Museu Nacional – Banco Safra; Museu Nacional Panorama de Acervos: passado, presente e futuro – Série Livros 68; 500 Dias de Resgate Memória, Coragem e Imagem – Série Livros 70; Expedição Em Busca dos Dinossauros – Uma viagem em busca do passado e do presente; O Brasil no Tempo dos Dinossauros (lançado em 1999, na exposição mais visitada do Museu nestes últimos 50 anos).
 27. Madeira do Museu Nacional recuperada do palácio após o incêndio.
 28. Medalhas da exposição “Quando Nem Tudo era Gelo” - 3 exemplares: Amonita; Mosassauro e Plesiosauro. A exposição foi a primeira a ser realizada após a tragédia de 02 de setembro de 2018 e ocorreu na Casa da Moeda do Brasil em janeiro de 2019, coordenada pelo projeto PALEOANTAR.
 29. Memórias do Museu Nacional/UFRJ - Desenhos e Cartas feitas após a tragédia de setembro de 2018, por estudantes.
 30. Memória Festival Museu Nacional Vive (Carta / Camisa / Documentação).
 31. Moção da Sociedade Brasileira de Geologia de apoio ao Museu Nacional/UFRJ, de agosto de 2018 (antes do incêndio).
 32. Peças resgatadas do Paço de São Cristóvão após a tragédia de setembro de 2018: Uma peça em vidro, ferro e madeira carbonizada; Uma peça em vidro e ferro (grampo de prancheta); Uma peça em ferro – parafusos; Um pedaço de madeira carbonizada; Uma peça em vidro; e 4 pedaços de vidro;
 33. Peças do Núcleo de Resgate de Acervo: Medalha Comemorativa Congregação 1000 – 190 anos do Museu Nacional/UFRJ; Cravo Colonial – unia as estruturas do telhado Torreão Norte do prédio do Museu e foi recolhido pelas equipes de resgate após o incêndio; Corte de Madeira (angelin) gravado a laser – obtido a partir de uma das vigas que sustentava a estrutura do telhado do Torreão Sul do Museu. Em uma das faces está gravada a laser a fotografia obtida no dia seguinte ao incêndio do Museu, momento em que bombeiros efetuavam o rescaldo da estrutura do prédio. A peça é de autoria do professor Sergio Azevedo/DGP, ex-diretor do Museu Nacional; Réplica do “escaravelho coração” que se

encontrava dentro do caixão da múmia Sha-Amun-enSu, a réplica foi elaborada a partir de detritos da sala de exposições egípcias do Museu, coletados após o incêndio. A peça original foi resgatada após o incêndio e reincorporada à coleção egípcia.

34. Plantas do Paço de São Cristóvão em diferentes períodos e projeto de Arquitetura e Restauro do Paço de São Cristóvão, fornecidos pela Arquiteta Paula Van Biene, do Museu Nacional/UFRJ.
35. Porta Celular em madeira, com desenho da fachada do Museu Nacional/UFRJ, produzido pelo trabalhador terceirizado José Gonçalves dos Santos (Sr. Mineiro).
36. Postais do Museu Nacional/UFRJ - “A História do Museu Nacional em postais” - 8 postais, em preto e branco, com os seguintes títulos: “Museu Nacional no Campo de Santa (1818-1892)”; “Taça em prata e coral, doada por D. João VI. Por ocasião da criação do Museu Nacional”; “Hall da entrada do Museu Nacional. Meteorito de Bendegó em destaque”; “Laboratório do Museu Nacional nas primeiras décadas do século XX”; “Entrada da Biblioteca do Museu Nacional no térreo do Palácio (1892-1938)”; “Sala da exposição de Botânica organizada pelo Professor Alberto José de Sampaio”; “Visita de Albert Einstein ao Museu Nacional em 07/05/1925”; e “Entrada para a Chácara Anita, em 1942, atual Museu Melo Leitão, área em que o Museu Nacional tem a sua Estação Biológica”. Postais Museu Nacional/UFRJ 180 anos – 8 postais em preto e branco, com os seguintes títulos: “Paço de São Cristóvão/Desenho de Thomas Ender – Entre 1813 e 1816”; “Paço de São Cristóvão – Entre 1817 – 1826. Gravura de Henderson”; Paço de São Cristóvão – Desenho de Maria Graham – 1824”; O Paço de São Cristóvão em 1844”; “Paço de São Cristóvão – Por volta de 1880”; “O Paço de São Cristóvão – Entre 1890 e 1892”; “O Paço de São Cristóvão, por volta de 1895” e “Museu Nacional, 1997 – Foto de Olga Caldas.
37. Projeto do Livro “Museu Nacional: Passado, Presente e Futuro” (carta e proposta de sumário), que se encontra em fase de desenvolvimento por Alexander W. A. Kellner, diretor do Museu Nacional/UFRJ; Maria Gabriela Evangelista Soares da Silva, chefe do Núcleo de Comunicação e Eventos do MN/UFRJ; Mariáh dos Santos Martins, Chefe de Gabinete do MN/UFRJ; e Regina Maria Macedo Costa Dantas, servidora aposentada do MN/UFRJ. O livro é uma parceria com o Governo de Portugal, através do Instituto Camões e tem previsão de lançamento para setembro de 2023.
38. Publicações: Catálogo da Exposição “O Museu Nacional Vive! Memórias e Perspectivas” – Setembro/2019; Relatório Anual do Museu Nacional/UFRJ dos anos de 2018; 2019; 2020 e 2021; Relatório Anual do Projeto Museu Nacional Vive do ano de 2020-2021, sendo uma versão em português e outra em inglês.
39. Poema “2022, Ano do Bicentenário da Independência e do Museu Nacional. Centro e Três anos da Proclamação da República, um século da Semana de Arte Moderna” – de Mano Melo.

40. Quadrinho da Turma da Mônica “Insubstituível” - uma homenagem de Maurício de Souza após a tragédia do Museu Nacional/UFRJ.
41. Reportagens de jornal sobre tragédia e reconstrução do Museu Nacional/UFRJ.
42. Textos dos povos originários a respeito da comemoração do Bicentenário da Independência do Brasil, em 2022.
43. Documentos e matérias relativas à Exposição No tempo dos Dinossauros.
44. Colaboração externa ao Museu Nacional/UFRJ para a Cápsula do Tempo:
Academia Brasileira de Ciência: ecobag da ABC (cor azul); envelope com conteúdo desconhecido; documento da ABC aos Candidatos à Presidência do Brasil 2022 – A importância da ciência como política de Estado para o desenvolvimento do Brasil; Livro “Ciência no Brasil 100 anos da Academia Brasileira de Ciências; Livro “Projeto Ciência para o Brasil”; Pen drive com publicações; e Relatório Anual de Atividades 2021;
Embaixada da Áustria no Brasil – Brasília: Cópia de cartas da Imperatriz Leopoldina, cuja original encontra-se em exposição no antigo Palácio do Itamaraty, no Rio de Janeiro; e Discurso de Abertura de S. E. Dr. Stefan Scholz, Embaixador da Áustria no Brasil proferido no Fórum Global da Nova Economia Mundial (23/11/2022) sobre o futuro das relações entre Áustria e Brasil na transformação para uma economia verde. O material foi enviado por Judith Schildberger - Ministra Conselheira Chefe de Missão Adjunta;
Fórum de Ciência e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro: documentos diversos sobre projetos e atividades do Fórum em formato impresso e em Pen-drive;
Governo da Alemanha: Carta do Consul Geral da Alemanha no Rio de Janeiro, Sr. Dirk Augustin;
Governo da China: Postais da China em homenagem ao Museu Nacional/UFRJ; Homenagem de crianças da China ao Museu Nacional/UFRJ, confeccionadas após o incêndio, com imagem da Luzia. 2 exemplares;
Governo de Portugal: Discurso do Excelentíssimo Presidente de Portugal, Sr. Marcelo Rebelo de Sousa, proferido em 08 de setembro de 2022, na Sessão Solene Comemorativa do Bicentenário da Independência do Brasil do Congresso Nacional, Câmara dos Deputados – Brasília;
Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia: Carta da então Diretora Iêda Maria Vieira Caminha; Livro; Miniatura de múmia egípcia em 3D, feita com as cinzas do Museu; Texto institucional; Pen drive e outros documentos referentes a projetos da instituição;
Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro: Carta do Secretário Municipal de Educação do Rio de Janeiro, Sr. Renan Ferreirinha;
UNESCO: Carta da Sra. Marlova Jovchelovitch Noletto – Diretora e Representante da UNESCO no Brasil.